

NOITE GAY

Por Marcelo Santana Ferreira

*“Onde queres revólver eu sou coqueiro
E onde queres dinheiro sou paixão
Onde queres descanso sou desejo
E onde sou só desejo queres não
E onde não queres nada nada falta
E onde voas bem alta eu sou o chão (...)”
(Caetano Veloso)*

Bruta flor do querer. De noite, acompanho grupos de rapazes e homens mais velhos que buscam diversão nas boates e nas ruas do Rio de Janeiro. Bebo cerveja em copo de plástico junto a alguns homens que, dentro em breve, subirão ao palco para fazer um show. Acendo o meu cigarro de filtro amarelo e também me encharco de felicidade numa pista de dança, em que as músicas mais queridas são acompanhadas por gritos, uivos, gargalhadas.

Mixórdia de pessoas e de estilos de vida. Não me canso de olhar para o salão cheio de homens de diferentes estilos, corpos distintos, marcas vibrantes do que convenciamos chamar de “homossexualidade”. Mas há uma profusão de modos de vida numa só boate, corpos e gestos muito distintos num só lugar. Nem mesmo o perfume pode ser comparado. Vou ao subúrbio e encontro, misturados, homens com mais de trinta anos e rapazes que têm de mostrar a identidade para entrar na boate. Dali a pouco, são rapazes beijando outros rapazes, homens mais velhos rindo com outros amigos, mistura de corpos na escuridão do banheiro que virou um lugar de sexo e de desejo. Nem sempre rapazes buscam homens mais velhos. Há rapazes que se parecem muito com os rapazes que costumo ver na academia em que faço ginástica. A noite gay é uma festa, é uma mistura, é uma atmosfera densa demais para receber apenas uma significação.

Ir a uma boate causa embaraço a amigos que têm a mesma idade que a minha ou que são um pouco mais velhos. Eles se cansaram da “vida gay”, da “noite gay”. Ficaram sérios e riem, debochados, das “bichinhas” novinhas que lotam as boates. Estão muito enganados: não se encontram somente “bichinhas” novinhas na boate e nem muito menos na noite. A efeminização da juventude e dos gays não necessariamente corresponde aos gestos que os homens fazem quando vão se divertir. Numa noite, por exemplo, um rapaz pergunta aos amigos que acompanho se a boate em que entraríamos era uma boate de “viado”. Um amigo, sabiamente, lhe responde que depende muito do que ele estiver procurando, pois ele vai escutar músicas, ele vai se divertir, ele não vai se decepcionar. Às três horas da manhã, quase quatro horas depois que ele entrou na boate, vai embora. E não parece ter se decepcionado.

O que ele encontrou? Sei que as referências acadêmicas se retraem diante da experiência viva e densa de uma parcela de indivíduos numa sociedade complexa. Mas, mesmo assim, quase insisto em buscar uma imagem que me inspire a entender os homens que se relacionam com homens na contemporaneidade. Então, arrisco a admitir que as sensações que tive, as músicas que ouvi, os olhos que corresponderam ao meu olhar são os instrumentos disponíveis, por ora, para a minha compreensão. Sensações são como marcas num calendário: elas evocam as noites em que vi pessoas buscando outras pessoas para fazer sexo e às vezes, para namorar por um tempo. As sensações vêm acompanhadas pela lembrança de trechos de música e, há uma em especial que me puxou para a profundidade do que via: “Sweet Dreams” do grupo Eurythmics reatualizada numa versão techno. Um trecho da música é obsessivamente repetido numa noite: “Seven seas”.

Será necessário atravessar sete mares para entender do que se trata? Se você for gay, parece que o convite é aceito imediatamente. Divertir-se numa boate gay é muito fácil principalmente se você imaginar que é um estrangeiro em busca de referências sobre o lugar em que você se encontra: você entenderá algumas piadas ditas pelos artistas que sobem ao palco, se comoverá com os relatos de pessoas que sobem ao palco para cantar uma música evangélica para os seus amigos, rirá confuso dos artistas “caricatos” que ou são excessivamente gordos ou excessivamente magros e usam de seu corpo para nos divertir. Encontrar alguém numa boate gay também é relativamente fácil: sexo descompromissado e efêmero? Quartos escuros, mas esconda a carteira e leve camisinha. Mas, se é buscado alguém para que você possa ligar no dia seguinte, marcar um outro encontro: faça das poucas luzes suas cúmplices. Veja a roupa, sinta o cheiro, aperte a carne do homem. Permita que o trecho da música o leve para o fundo.

Eu sempre me divirto, mas para além do que experimento imediatamente, busco entender uma parte do sentido do que eu vi. Esta operação não constitui uma cisão, mas me permite ver duplamente o que eu vivi. Inicialmente, é preciso insistir: são pessoas diferentes umas das outras. Uma boate cheia é um microcosmo da multiplicidade de sujeitos que buscamos reconhecer academicamente. Se for pesquisada uma boate ou um bar na zona sul do Rio de Janeiro, se for visitada uma boate ou um bar no subúrbio do Rio de Janeiro, encontrar-se-ão diferenças muito marcantes de “universos”. Mesmo assim, insistimos: “homossexualidade”. Será?

Numa noite, encontro um rapaz que vem pela primeira vez a uma boate. É carne nova no pedaço. Mas ele sai desacompanhado. Outra noite, um grupo de rapazes vai tecendo suas estratégias para se divertir e compartilham várias latas de cerveja. Se estivesse numa boate “heterossexual” talvez visse o mesmo movimento. Depois que se bebe bastante cerveja, um chiclete de hortelã pode ser útil para melhorar o hálito. A possibilidade de sexo no mesmo dia e já na própria boate também é possível. Mas é difícil reconhecer quem busca o quê: ser penetrado ou penetrar? A masculinidade de alguns homens não é o sinal suficiente para saber o que ele vai querer na hora em que se tiver

mais intimidade. Alguns homens mais velhos relatam que os rapazes desejam mais ser “passivos”. Há uma faixa de homens entre 25 e 30 anos que insistem em ser “ativos”.

Um só nome para a pluralidade de afetos e encontros possíveis talvez empobreça o entendimento que se queira construir sobre as sexualidades de homens que saem com homens. Para quê dar um nome? Fico com a imagem:

No palco, a artista imita uma “bichinha” que recebeu um Exu e está na posição ativa na relação sexual. No meio da relação sexual, a entidade deixa o corpo da “bichinha” e ela se exaspera por estar “comendo” um sujeito. O artista brinca com os códigos que sustentam determinadas modalidades de sexualidade. Enquanto isto, na pista de dança, olhares são trocados e dois homens se encaminham para um lugar mais distante do palco. Eles se beijam, toca uma música mais conhecida e as pessoas gritam e dançam. Os dois homens se tocam, seus pênis estão duros e seus corpos já sabem que caminho trilhar. A camisinha é requerida, mas à pergunta: Você é ativo? pode se dar tantas respostas que é melhor que o “querer” diga o que fazer.

Será que esta imagem pode ser inspiração para uma discussão acadêmica? O reconhecimento acadêmico desta diversidade sexual não pode ser a simples incorporação de um universo a um conjunto de categorias pré-articuladas. Deve-se optar, eticamente, por submeter o conhecimento à vida. E, do conhecimento, lançar um olhar sobre a vida que seja digno e corajoso o suficiente para permitir uma lembrança: se o que escrevo e o que falo não servir para a experiência anônima dos indivíduos que se esbarram numa mesma sociedade, que pelo menos ele se aproxime da alegria, da atmosfera vibrante, da melancolia das músicas, da intensidade dos perfumes que compuseram uma imersão naquilo que a teoria costuma gostar de ver à distância. Se esta distância puder ser suprimida, que se possa contribuir para o reconhecimento da especificidade do tempo presente, de seus perigos, de suas delícias, de seus riscos, de seus diferentes “quereres”.

Sobre el autor

Marcelo Santana Ferreira
Doutorando em Psicologia Clínica pela PUC/RJ
E-mail: marcelo.sferreira@ig.com.br